



Rádio Cultura do Sertão: a voz e a vez da juventude no semi-árido¹.

Tatiana Castro Mota²

Universidade de Fortaleza

RESUMO: Este artigo é uma tentativa de relatar a experiência de uma rádio-escola localizada no assentamento Boa Água, situada no município de Banabuiú, no sertão central cearense. O que se pretende é justamente refletir sobre como a juventude, em especial, a rural, organiza-se para tornar-se autônoma e transformadora de sua realidade a partir do (re)conhecimento do contexto regional no qual está inserida, bem como do seu direito à comunicação. A proposta deste estudo baseia-se ainda no poder de mobilidade social e democrático que o rádio possui, transformando a Rádio Cultura do Sertão em um instrumento que dá voz aos jovens do semi-árido.

Palavras-Chave: juventude; rádio, protagonismo; semi-árido.

Introdução

No presente artigo, apresenta-se algumas reflexões acerca da experiência de uma rádio-escola no semi-árido cearense. Sabendo que essa região apresenta graves indicadores sociais, como a dificuldade de acesso a transporte, escola, hospitais e serviços básicos de saúde, é preciso ter um olhar cuidadoso e não estereotipado para as questões que envolvem o sertão cearense.

A juventude, que, por si só, carrega consigo um poder de transformação, é a grande pauta desse estudo, que contém, primeiramente, uma explanação do comportamento e da problemática juvenil contemporânea, tanto da área urbana como da zona rural. E que posteriormente promove o debate sobre participação e autonomia dos jovens envolvidos com a rádio-escola.

O rádio, com todo seu potencial democrático, sendo o veículo mais popular e de maior alcance ao público, atingindo tanto o indivíduo privilegiado financeiramente,

¹ Trabalho apresentado no Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Santos – 29 de agosto a 2 de setembro de 2007.

² Tatiana Castro Mota é aluna do 8º semestre Curso de Comunicação Social - Publicidade e Propaganda da Universidade de Fortaleza e bolsista de Central de Produção em Rádio. E-mail: taticmota@yahoo.com.br

como aquele que vive em péssimas condições sócio-econômicas, também será um dos pontos mais importantes para presente discussão.

Juventude e as questões conceituais

Como já citado um dos intuitos deste artigo é caracterizar a juventude na sociedade contemporânea. Reflexões acerca de como o jovem se mobiliza hoje, se ele apresenta-se consciente e crítico ou apenas é alienado, individualista e consumista ou, até mesmo, se existe algum espaço na sociedade para essa juventude, se faz necessária. Porém, antes de responder tais questões torna-se legítimo compreender o que é essa juventude.

Maria Nobre Damasceno (2001, p.10), citando Abramo (1997), tematiza a juventude em duas vertentes. A primeira diz respeito à “corrente geracional” que se baseia no conceito de geração social, afirmando que juventude é um momento de mudança no ciclo da vida, da infância para a maturidade, indicando uma unidade, um padrão de identificação, um modelo de juvenilização. “É nesse sentido que a juventude só estar presente para o pensamento e para ação social como “problema” (...) e só se torna objeto de atenção enquanto representa uma ameaça de ruptura”.

Já a autora, ao citar Machado Pais (1996), caracteriza a outra face da divisão acima anunciada como “corrente classista”, na qual a juventude é tida como um conjunto, descartando a idéia de que ela pode ser vista como categoria universal, sendo formada por situ(ações) distintas. Martins (2002, p.22) sustenta, igualmente, que é preciso contemplar a diversidade econômica, social e cultural que os jovens escondem. “... é impossível falar em uma cultura juvenil, que homogeneiza a juventude. É preciso reconhecer as diferenças”.

Ainda na busca de definir o ‘ser jovem’, Novaes (2002) dá sua contribuição a partir de uma concepção biológica, dizendo que o jovem é aquele está mais distante da morte, com mais vontade e intensidade de viver, tendo prazer pela aventura e curiosidade pelo novo, dessa forma, sendo também mais inclinado ao revolucionário. A autora afirma, também, que a juvenildade apresenta tantas distinções, chegando, às vezes, a idéia de que “é uma palavra vazia”.

Para muitos estudiosos da temática, a época juvenil corresponde a uma delimitação etária, dos 14 aos 24 anos, ou dos 15 aos 29, e tem quem acredite que vá dos 22 aos 40 anos, como no caso das sociedades clássicas greco-romanas. Regina

Novaes e Paulo Vannuchi (2004, p. 10) explicam que *Juvenis* vem de *aeoum*, cujo significado etimológico é “aquele que está em plena força da idade”. Naquela cultura, a deusa grega “*Juventa* era evocada justamente nas cerimônias do dia em que mancebos (adolescentes) trocavam a roupa simples pela toga, tornando-se cidadãos de pleno direito”.

Maria Helena Oliva Augusto (2005) comenta que o jovem é aquele que ainda não está preparado para a vida adulta, para o mercado, para o casamento. E, ressaltando a imprecisão do conceito em questão, apóia-se em Marialice Foracchi, que considera:

a juventude é caracterizada a partir de um registro tríplice: o reconhecimento de que se trata de uma fase da vida, a constatação de sua existência como força renovadora e a percepção de que vai muito além de uma etapa cronológica, para constituir um estilo próprio de existência e de realização do destino pessoal (FORACCHI, 1965, p. 302-304, apud AUGUSTO, 2005, p. 20).

Gonçalves (2005) constata que o “status” de ser jovem é muito passageiro, por ser essa uma fase de situação intermediária, em que o indivíduo deixa a infância e passa a ser adulto. A autora concorda com o que já foi citado e baseada nas sociedades tradicionais exclama que “a definição de juventude está também associada à possibilidade de se desempenhar papéis reservados aos adultos”, tornando inteligível o porquê do adiamento da vida econômica e a extensão do período de formação escolar.

Maria Rita Kehl (2004, p. 90) acredita que o pensamento sobre juventude é bem “elástico: dos 18 aos 40, todos os adultos são jovens”. A psicanalista defende que juventude é um estado de espírito, é um jeito de corpo, é um sinal de saúde, disposição, liberdade, renovação e beleza. As pessoas hoje querem conservar os atributos jovens, resultando, portanto, na anulação da fase adulta. “O desenvolvimento postergado transformou o jovem, de promessa de futuro que era, em modelo cultural do presente” (PERALVA, 1997, p. 230, apud AUGUSTO, 2005, p. 22).

A juventude, mesmo sendo uma etapa no ciclo da vida, um modo de ser, a expressão da diversidade e da liberdade ou um sinônimo de imaturidade ou revolução, é por outro lado uma grande vítima de estereótipos que a caracterizam como um grupo juvenil homogêneo situado em contextos de universalidades. Suas qualidades são vistas de formas negativas e consideradas duplas e ambíguas.



o jovem é sério, mas imaturo; é audacioso, mas inexperiente; impulsivo, mas indeciso. Isso faz com que suas manifestações com frequência sejam vistas somente como manifestações de espíritos rebeldes, avessos à ordem e propícios a promover distúrbios e atitudes inconseqüentes (FORACCHI, 1965, apud AUGUSTO, 2005, p. 21).

A sensação que se tem é que os jovens são vistos com decepção pelos adultos, o seu discurso não tem consistência perante a sociedade. A juventude só existe como problema, como um risco para a própria permanência social. O seu discurso, as suas colocações, a produção dos seus saberes não é vista como autêntica, “quando lhes é dada à palavra, é apenas simbolicamente, uma vez que a fala é controlada, selecionada, para conter o perigo que dela pode advir” (SALES, 2001, p. 27). E toda essa impossibilidade de participação acaba gerando, de fato, uma outra forma de marginalidade social.

ao privilegiar o foco de nossa atenção sobre os jovens como emblema dos problemas sociais, muitas vezes não conseguimos enxergá-los e entendê-los propriamente, e, como conseqüência, nos livrar de uma postura de desqualificação da sua atuação como sujeitos (ABRAMO, 1997, p. 35 citado por DAMASCENO, 2003, p.31).

Porém, apesar de toda essa negação, é de todo incontestável que os jovens são atores sociais e produtores de diferentes culturas. São trans-formadores da realidade existente porque buscam a mudança social através da crítica, da ruptura com padrões e da inovação. Ainda que os jovens se vejam confundidos pela organização do sistema vigente, e, mesmo que este controle sua maneira de se expressar, de se comportar e de ver o mundo, ele transgride e recria o mundo incessantemente, afinal “... a juventude faz parte dessas forças sociais de resistência e, portanto, pode dar resposta à nossa sociedade normalizadora” (SALES, 2001, p. 29).

Em relação ao fato dos adultos ignorarem a capacidade juvenil de reivindicar, argumentando que o jovem não atingiu o desenvolvimento emocional, econômico, físico e intelectual, Foracchi defende que isto deve ser corrompido, pois tal afirmação não encontra sustento, visto que:

.... a inexperiência, antes um elemento de inferiorização dos jovens, pode ser transformada em fator de superioridade, na medida em que for levada em conta a capacidade inovadora, traço distintivo da juventude e fundamental num mundo em constate transformação (FORACCHI, 1965 apud AUGUSTO, 2005, p. 22).



Toda essa negação da legitimidade do discurso juvenil acaba propondo que a juventude seja uma fase de medo e angústia. Trazendo tal constatação aos dias atuais, consolida-se uma “insatisfatória participação social e política da juventude”.

Não há como negar que há algum tempo a mocidade vem sendo destacada na arena pública pelos meios de comunicação. Sendo esse realce uma maneira de utilizar aquela como uma forma de mercado potencial de consumidores, ou então estampar sua imagem nos programas policiais como agentes da violência nas grandes cidades, estando “... todos submetidos a uma sociedade de consumo, massificada, por meio da qual se padroniza o comportamento dos jovens definindo aquilo que passa a ser entendido como norma.” (MARTINS, 2002, p. 22).

Seguindo o raciocínio acima trilhado, Abramo *et al* (2002) leciona que a sociedade hodierna realmente caminha para a individualização e para o consumo desenfreado, tornando-se destarte conflituosa e abarrotada de tensões, sendo todo esse combate absorvido pelos jovens, já que estes são os reflexos da sociedade³. Diógenes (1998, p. 162) apud Damasceno (2003, p. 36) confirma “ser a juventude o segmento que mais catalisa as tensões sociais e as exterioriza, porquanto é a vitrine dos conflitos sociais”.

As pesquisas apontam que o jovem de hoje, diferentemente do das décadas de 1960 e 1970, é egoísta e busca o prazer a todo instante, e o consumo imediato também é uma maneira de alcançar prazer. O individualismo se transformou num meio de as pessoas de uma sociedade se relacionarem; não se pode discutir nada com ninguém, uma vez que, a princípio, meu amigo é meu concorrente (ABRAMO *et al* 2002, p. 15).

Ao recordar a década de 60, percebe-se que a geração dessa época resistiu firmemente à ditadura, pois tinha o intuito de mudar o seu cotidiano, e das outras pessoas, através de uma nova utopia. No final dos anos 70, os jovens continuaram interferindo na história brasileira fazendo greves e passeatas, contestando contra a repressão, era a fase do movimento estudantil, na qual teve grande contribuição para a transformação social. E hoje, segundo Rubens Paiva (2002, p. 46), a juventude esta se deixando levar pela lógica do sistema capitalista e se revoltando muito pouco contra algumas posturas ofensivas. “O que (...) impressiona é o fato de o jovem ter um leque de tema pra abordar e isso não se transformar, no Brasil, em mobilizações”.

³ Vale ressaltar que outros setores da sociedade, não somente a juventude, assimilam igualmente a apreensão e as mazelas da sociedade atual.

Em contrapartida Novaes (2002), diz que o que está acontecendo é uma idealização ao passado, o que provoca certa cegueira em relação às novas possibilidades do presente.

Meu ponto de vista sobre as formas de participação da juventude de hoje é positivo. Os jovens, através de atividades culturais e experimentos sociais, podem trazer para a agenda pública a questão dos sentimentos e contribuir para mudanças de mentalidade. Trata-se de compreender os efeitos políticos dessas formas de fazer política que não se caracterizam por um discurso político articulado como os das gerações passadas (NOVAES, 2002, p.54).

A autora defende que “o brasileiro não sabe viver com o processo democrático”, pois este só considera como forma de participação a mobilização dos partidos políticos, deixando de lado outras formas de organização, como por exemplo, a dinâmica de algumas comunidades. É preciso que o jovem, hoje, acredite que possa mudar o país, pois é certo que as gerações passadas fizeram muito para que a transformação acontecesse, mas ainda há o que ser feito. E por mais que Paiva (2002, p. 46) acredite que a juventude está sem caminhos, ele acaba concluindo que a essência do jovem é revolucionária, e ela é que cria novas perspectivas de mudança, apesar do sistema em vigor afirmar “que o jovem tem todos os defeitos do adulto – e mais o da maturidade”.

Apesar de a sociedade insistir que a juvenildade é frágil e instável, pode-se perceber, através dos estudiosos citados neste item, que isso nem sempre se confirma, pois esta desenvolve, sim, uma cidadania crítica e participativa.

Juventude Urbana, Violência, Consumismo e Desemprego.

No item anterior comentou-se sobre a influência que o jovem sofre da sociedade, pois esta, segundo Castoriadis (1982) apud Augusto (2005), cria-o como indivíduo social, compondo-o a sua imagem e semelhança. A partir desse pensamento, como pensar, então, a constituição juvenil dos espaços urbanos?

Antes de mais nada, é preciso entender a relação da cidade com a juventude. O território urbano, de acordo com Gonçalves (2005), é um local de múltipla e diversa coletividade de indivíduos, onde todos têm o direito de descobrir seus caminhos de expressão pessoal, e onde os jovens estão sempre se deslocando de forma transversa e desordenada, buscando, conforme Borelli e Rocha (ver ano da intercom), relação com



sua cultura e formas de rompimento com a família, a escola, as expressões de religiosidade, entre outras. “Mas se é verdade que o jovem experimenta, circula, troca de lugares e de afetos, é preciso reconhecer também que ele organiza essas trocas segundo a lógica própria com que persegue os sentidos na cidade.” (GONÇALVES, 2005, p. 209).

Como já citado, a marca da organização social contemporânea é o individualismo⁴, o narcisismo, a competição, agressão, ente outras. Isso sustenta que os jovens das urbes são autores de violência, como são vítimas ao mesmo tempo⁵, estão sempre ameaçados pelo fantasma das drogas, e são excelentes alvos do tráfico, sofrem com a disseminação de doenças sexualmente transmissíveis ou com a gravidez na adolescência. Tornam-se indivíduos extremamente indiferentes com os acontecimentos ao seu redor e consumidores ambiciosos de mercadorias supérfluas.

Estudos demográficos, segundo Borelli e Rocha (ver ano no intercom, p. 03), confirmam que, no século atual, o Brasil possui a maior população juvenil de toda sua história, como também, a taxa de vitimização, entre jovens de 15 a 24 anos, dos grandes centros urbanos, estão entre as mais altas do mundo. “Enquanto a mortalidade infantil diminui, a juvenil aumenta, favorecendo um outro perfil demográfico e impactando a expectativa de vida da população brasileira”. Em reação disso, os preconceitos, que sustentam o jovem como grande responsável pela criminalidade urbana, e o controle social só aumentam.

...a ocupação da cidade por crianças e jovens só é bem-vinda quando feita nos limites da ordem prevista pelo adulto, que submete e controla o ir-e-vir do jovem pelas cidades. [...], a regulação também contém seus excessos, e ela interpreta como agressão e violência o que é busca de sentido e vontade de participação (CASTRO, 2001 apud GONÇALVES, 2005, p. 210).

Porém, a experimentação da violência, não se dá apenas no âmbito criminal, ela pode estar associada ainda ao prazer, ao consumo. Atualmente os jovens se defrontam com o espetáculo da morte, através da televisão, com a violência nos filmes, nos *videogames* e nos quadrinhos, que ajudam a construir, negar ou reforçar valores, realizações ou frustrações.

⁴ Duarte (1983), citado por Hebe Signorini Gonçalves (2005) radicaliza dizendo que o individualismo é para ser considerado a religião do mundo atual.

⁵ Essa violência esteve acoplada nos jovens de diversas maneiras, nas contestações políticas da juventude, nas ações culturais, associada à marginalidade e até mesmo a criminalidade.



Na sociedade de mercado, o jovem é visto como um novo e potente alvo, e o que era significado de insegurança e inexistência, passa agora a ser considerado cidadania (cidadão).

as forças do capital – as mesmas que contribuíram para evocar espíritos juvenis adormecidos e provocar a onda de demandas jovens da década de 1960, - com seu senso imbatível de oportunidades, souberam reorganizar o caos em torno da chamada lógica do mercado. Ser jovem virou slogan clichê publicitário, virou imperativo categórico (KEHL, 2004. p. 92).

Voltando a discussão feita no item anterior, a autora acima citada constata que o adolescente de hoje, é hedonista, buscar ser modelo de beleza e sensualidade, diferentemente dos das décadas passadas, agora ele é voltado para a vida urbana, ligado em automóveis, boates e bares juvenis.

A tentativa de contextualização juvenil contemporânea não acaba por aqui, ainda há a disputa pelo emprego tão sonhado e ao mesmo tempo imposto e dificultado pela sociedade. Para alguns, o jovem deixa de ser a esperança do futuro para ser o problema atual. O poder público cada vez menos se responsabiliza pela questão da profissionalização, da cultura, do lazer, da educação e do espaço de autonomia. E, as competências atribuídas a ele pelo Estatuto da Criança e do Adolescente acabam não acontecendo.

é dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e a à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (Estatuto da Criança e do adolescente, Art. 227 do Capítulo VII – da família, da criança, do adolescente e do idoso, p. 78)

O não cumprimento dessas políticas públicas acaba deixando o Estado completamente ausente da responsabilidade do desenvolvimento juvenil, o que resulta numa grande relevância das ruas como espaço de socialização para juventude.

Juventude Rural

É perceptível a pouca literatura sobre a juventude rural. Nota-se que há uma falta de atenção das Ciências Sociais para esse estudo. Sem dúvida existe mais “juvenólogos” especializados com a origem e desenvolvimento da juvenildade urbana do que com a rural.

Essa invisibilidade é um das grandes facetas da exclusão social sofrida pelos jovens do campo, pois a falta de conhecimento acaba criando preconceitos e até questionamentos a respeito da existência desse setor. A discussão sobre o fato do desaparecimento da juventude rural na América Latina, dar-se pela constatação de que um adolescente rural aos 15 anos de idade já se encontra casado, com filhos, não estudando mais e trabalhando para sobreviver. Ao ter como base a teoria recente e urbana de que ser jovem é uma etapa da vida em que não foram atribuídas as responsabilidades adultas, como trabalhar e casar, realmente, a mocidade rural não existe. Mas se o conceito utilizado for o das culturas primitivas, percebe-se que essa fase da vida é “uma variedade de condutas, relações e instituições específicas” (DURSTON, 1999, p. 08). Na verdade é preciso ter cuidado em ver o campo de maneira parcial, faz-se necessário ter respeito pela sua realidade e cultura.

O jovem rural da América Latina é um dos mais marginalizados pela organização social, e também, uns dos que mais sofrem com as dificuldades encontradas em seu meio. Um relatório feito em 2003 pelo Unicef, sobre crianças e adolescentes no semi-árido⁶, destacou que quase 11 milhões de crianças habitam essa região. A população é caracteristicamente jovem do que a média brasileira, mas o seu futuro é envolvido pelos sérios e graves indicadores sociais, principalmente em se falando de zona rural. O estudo mostrou também que cerca de 90% de crianças e adolescentes dessa área rural do semi-árido, vivem em famílias que ganham abaixo de meio salário mínimo, além da dificuldade do acesso a saúde, a água, e a rede de esgoto.

A investigação do Unicef mostrou ainda que há um pequeno índice de violência juvenil, devido à baixa urbanização, à cultura e os modos locais de convívio com a família.

Ainda sobre as dificuldades encontradas no campo, uma tese de doutorado intitulada, “Entre ficar e sair: uma etnografia da construção social da categoria jovem”, pertencente a Castro (2005) e citada por Elisa Guaraná (2005/2006), sustenta que um dos grandes problemas na região é a educação. Não que esta seja uma rejeição dos

⁶ O semi-árido brasileiro é caracterizado pela irregularidade de chuvas e restrições ao acesso da água. Abrange onze estados brasileiros, sendo que desses, nove são nordestinos.

jovens, pelo contrário, é bastante valorizada por eles, mas a falta de condições para a aprendizagem é gritante.

o trabalho etnográfico (Castro, 2005) observou que os filhos de assentados têm acesso facilitado ao ensino de 1ª à 4ª série, devido à proximidade física de uma escola. A partir de 5ª série do ensino básico, são obrigados a se deslocar para a cidade percorrendo uma distância de 6 km a pé. No entanto, as queixas dos jovens entrevistados ao longo da pesquisa diziam respeito não à distância da escola, mas a falta de acesso a serviços básicos como meio de transporte (GUARANÁ, 2005/2006, p. 75).

Outro obstáculo encontrado, de acordo com Matos e Alencar (2003, 18-19) diz respeito ao estigma cultural do contexto histórico brasileiro onde o rural sempre foi visto com obsoleto, ultrapassado, em contraposição ao urbano. “... o agricultor [...] é identificado, de forma pejorativa, como matuto, caboclo, jeca, caipira.”. Muitas vezes para se livrar de tais preconceitos e para serem “admitidos” os jovens buscam um “estilo urbanizado” na maneira de falar, de se vestir e de se comportar. Percebe-se essa constatação nas palavras de Elisa Guaraná:

...os universos rural e urbano, embora muito próximos espacialmente, mostram-se ainda separados pela reprodução da hierarquia entre “ser do campo” e “ser da cidade”, marcada por diferenças de condições de vida [...] o que se observou foi a reprodução da hierarquia rural/urbano sob construções estigmatizantes, em que morar no campo é desvalorizado culturalmente, como em relação às reais condições de vida (GUARANÁ, 2005/2006, p. 77)

Além disso, a autora acima citada destaca outros fatores que vem despertando sua atenção, como a saída dos jovens do campo para a cidade. Esse fenômeno dar-se, pelo que foi destacado anteriormente no texto, a atração juvenil pela cidade, pelas dificuldades encontradas na região e pela grande persuasão do pai como chefe de família, postergando a autonomia da jovem.

Porém, o território rural, igualmente, é feito de esperanças e mobilizações, não é a juventude rural como um todo que deseja sair do local, alguns, e até muitos, ficam e lutam por políticas para melhoria da região e por seus direitos de cidadãos, já que a Constituição Federal garante a punição por qualquer atentado ou omissão dos seus direitos à vida, à liberdade e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento. Mesmo que essa juventude do campo sofra preconceitos, e a imagem



urbana prevaleça, o jovem rural não se torna só, pois dialoga com o mundo globalizado, reconstruindo e transformando a realidade do campo.

O meio rural tem grande capacidade de motivação, quase não há violência juvenil, apresenta uma enorme habilidade cultural e tem espaço para lazer, o que falta, na verdade, é apenas um pouco de atenção do poder público e cumprimento da lei. Essa discussão sobre a juventude do campo será retomada mais adiante.

E com vocês: o jovem.

Como já citado, nos itens anteriores, a legislação brasileira vê, à criança e o adolescente como sujeitos de direitos. Por mais que esses direitos não sejam respeitados pela sociedade como um todo, o jovem é indiscutivelmente, um indivíduo que luta para ter voz e autonomia. Como Sérgio Adorno (2002, p. 101-102) confirma, o jovens “devem ser ouvidos, têm vontade, têm capacidade de se expressar e, portanto, não podem ser objeto de um poder ilimitado de quem quer que seja.”

Como a busca por transformação social, por novos modos de agir e viver, é uma característica forte do comportamento juvenil, a mocidade combate a passividade, o assistencialismo e ser tornam protagonista do processo de mobilização e libertação, pois, não querem adaptar-se ao mundo, mas transformá-lo. Como Paulo Freire (1987), sustenta que o homem só pode ser livre quando ele próprio mudar sua realidade.

cada vez mais [...] a juventude vem se opondo às formas de ação que minimizam sua expressividade e obstaculizam sua afirmação. [...]. Na verdade, há algo mais profundo. Na sua rebelião, o que a juventude denuncia e condena é o modelo injusto da sociedade dominadora (FREIRE, 1987, p. 152).

Essa libertação, sinônimo de participação, como dito, não acontece por acaso, mas sim pela práxis, pela necessidade de tê-la, não é uma palavra sem significado. Como Demo (1988) diz, que “participação é conquista, é um processo e não um fim, não está acabada [...]. Não pode ser entendida como dádiva...” . Não interessa a liberdade doada, mas sim a conquistada, caso contrário jamais poderia se liberdade. “A libertação autêntica, que é humanização em processo, não é uma coisa que se deposita nos homens. Não é uma palavra a mais, oca, mitificante. É práxis, que implica a ação e a reflexão dos homens sobre o mundo para transforma-lo. “ (FREIRE, 1987, p. 67).



Pode até parecer que a juventude de hoje não tenha semelhança com a de décadas atrás, até porque são tempos diferentes, mas conforme Sales (2001) o jovem contemporâneo re(cria) e re(modifica) a utilização do espaço com música, dança, desenho e reflexões. Segundo a autora, o desejo, o gosto de viver, a vontade de construir e transgredir continua sendo a espinha dorsal da juventude de qualquer época. E como afirmar o compositor Gonzaguinha, “eu acredito é na rapaziada que segue em frente e segura o rojão, eu ponho fé é na fé da moçada [...]. Eu vou no bloco dessa mocidade que não tá na saudade e constrói a manhã desejada”.

Rádio Cultura do Sertão

A Rádio Cultura do Sertão é uma rádio – escola localizada na Escola de Primeiro Grau Coronel Pergentino Ferreira do assentamento Boa Água no município de Banabuiu, com distância aproximadamente de 255 quilômetros da cidade de Fortaleza e que funciona pelo sistema de alto falantes possuindo 'caixinhas' por toda a escola e duas cornetas instaladas nos postes no centro da comunidade. A rádio citada faz parte do projeto “Dois dedos de prosa: o rádio no resgate da cultura oral do povo do semi-árido”, desenvolvido pelo ONG Catavento: Comunicação e Educação em parceria com o Ministério da Cultura no Programa Cultura Viva. O Objetivo do projeto é descentralizar e “resgatar” a cultura do semi-árido como também desenvolver um ponto de cultura no local. Para isso realizou-se, até o momento, oficinas, com aproximadamente 24 jovens de faixa etária de 12 a 23 anos, sobre formação em rádio e produção cultural.

A rádio conta com uma programação, desenvolvida pelos jovens participantes do projeto com ajuda da comunidade, que diz respeito à cultura local, pois estimula e valoriza a criação e a expressão cultural artística bem como auxilia na coletivização das memórias individuais das pessoas do assentamento. A rádio Cultura do Sertão não está em Boa água apenas para ser ouvida, mas para fazer produções que representem à cultura do seu povo.

Brecht acreditava que o rádio não era apenas um veículo de transmissão, mas sim de comunicação, onde o ouvinte superaria o isolamento e manter-se-ia em relação com a informação, não apenas recebendo, mas também a transformando e produzindo-a. Para o autor, esse meio de comunicação não poderá se limitar apenas em retransmitir fatos ou notícias, pois caso isso aconteça, não será jamais um veículo de grande importância social.

é preciso transformar o rádio, converte-lo de aparelho de distribuição

em aparelho de comunicação. O rádio seria o mais fabuloso meio de comunicação imaginável na vida pública, um fantástico sistema de canalização. Isto é, seria se não somente fosse capaz de emitir, como também de receber; portanto, se conseguisse não apenas escutar pelo ouvinte, mas também pôr-se em comunicação com ele. [...] todos os esforços da radiodifusão em realmente conferir aos assuntos públicos, o caráter de coisa pública são totalmente positivo (BRECHT, in BASSETS, 1981, p. 56-57 apud ZUCULOTO, 2005, p. 7-8)

Apoiando-se nesse conceito, pode-se perceber que a rádio-escola citada é um instrumento que exprime a realidade local, que trata dos problemas, das necessidades, dos interesses e da cultura da região, fazendo com que comunidade participe. Sua programação é circular, todos opinam inclusive e principalmente a juventude, que não está apenas com microfones nas mãos, mas sim com um grande poder de transformação.

Paulo Freire (1987) ao falar da relação de libertação versus dominação do indivíduo, afirma que aquela só será possível quando os oprimidos tiverem consciência de sua dominação e de sua exploração a qual os transformam em coisas e em meros objetos, não permitindo assim o seu direito de ser. O pedagogo argumenta que se a percepção da realidade em que o homem vive não acontecer, com certeza não haverá a transformação do mundo. Os humilhados serão sempre passivos, alienados e ingênuos, ou seja, estarão sempre domesticados pela força opressora. “... quando mais se inscreve nesta realidade para, conhecendo-a melhor, melhor poder transformá-la” (FREIRE, 1987, p. 27).

O autor ainda fala que não se pode ceder a voz, nem a palavra a ninguém, esta deve ser conquistada. As pessoas precisam saber que para serem livres devem mudar o mundo, mas não roubando a palavra de ninguém, e sim dialogando. É no reconhecimento do próprio ser que o sujeito descobre que pode ser mais. A utilização dos meios de comunicação, como, por exemplo, o rádio para falar sobre os anseios e desejos de uma comunidade, pode ser então, um elemento importante para a formação de uma nova identidade e por consequência, um agente para o reconhecimento de que ser mais é possível.

Os jovens de Boa Água, através da rádio desenvolvem um novo saber, que faz parte da cultura deles. Através da valorização desse conhecimento é possível vivenciar de maneira plena a prática social, a cotidianidade que existe no sertão. A respeito disso, uma Jovem, ao ser perguntada sobre o que mudou na vida após a rádio-escola diz que:

... mudou tudo. Eu não sei porque mais acho que to me identificando com ela. No meu currículo escolar não tinha nada haver, porque eu



estudei a altura da torre *eiffel*, estudei a imensidão do mar de Fortaleza, uma coisa que não tem nada a ver com meu sertão. E aqui na rádio-escola não, eu to aprendendo uma outra coisa, diferente, que eu não aprendi na escola, que é exatamente o mapeamento da minha comunidade, os conhecimentos da minha comunidade que eu não tinha.

A rádio Cultura do Sertão quebra então com um modelo estático e antidemocrático de comunicação. O receptor não é mais passivo e irreflexivo diante do que vê, ouve e sente. A mensagem não apresenta um sentido único e quem a recebe torna-se também emissor.

Considerações Finais

Ante o que foi acima expandido, percebe-se que a rádio Cultura do Sertão é realmente um instrumento que dá voz e vez à comunidade de Boa Água. E quem duvidou que Brecht fosse utópico em suas teorias que afirmavam que o rádio é veículo democrático, realmente se enganou, pois a exemplo da rádio citada, constata-se que essa discussão é pertinente e possível.

A dicotomia emissor-receptor foi rompida a partir da experiência mencionada. A informação vertical e o assistencialismo que engessa homens numa única postura, a de apenas assimilar o que está sendo dito, não promovendo transformações que mudem o âmbito de sua existência, foi abandonado(a).

Nota-se, ainda, que o debate apresentado tem grande relevância no contexto social, pois um lugar tão seco e distante da cidade de Fortaleza, como o assentamento de Boa Água, apresenta tantas vontades e esperanças com a criação da rádio-escola. Um novo olhar foi construído, os jovens do semi-árido deixaram de ser meros reprodutores de comunicados e transformaram-se em grandes produtores.

Referência Bibliográfica

AUGUSTO, Maria Helena Oliva. Retomada de um legado intelectual, Marialice Foracchi e a sociologia da juventude. **Tempo Social. Revista de sociologia da usp**. São Paulo, v. 17, n.2, p. 11-33, nov. de 2005.

BORELLI, Silvia Helena Simões, ROCHA, Rosamaria Luiza de Melo Rocha. **Jovens urbanos, concepções de vida e morte, experimentação da violência, consumo cultural, mídias e**



novas tecnologias. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, XXVII, 2004, Porto Alegre.

DURSTON, John. **A juventude rural no Brasil e no México: reduzindo a invisibilidade**. Brasília: Instituto Teotônio Vilela, 1999.

DAMASCENO, Maria Nobre. Trajetórias da Juventude: caminhos, encruzilhadas, sonhos e expectativas. In: DAMASCENO, Maria Nobre; MATOS, Kelma Socorro Lopes de; VASCONCELOS, José Gerardo (Org). **Trajetórias da juventude**. Fortaleza: LCR, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GUARANÁ, Elisa. Os jovens estão indo embora? Juventude Rural e Reforma Agrária. **Proposta**, v. 29, n. 107/108, p. 74-80, dez/maio. 2005/06.

GONÇALVES, Hebe Signorini. Juventude brasileira, entre a tradição e a modernidade. **Tempo Social. Revista de sociologia da usp**, v. 17, n.2, p. 207-219, nov. 2005.

KEHL, Maria Rita. A Juventude como sintoma da Cultura. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (Org). **A juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

MARIZ, Cecília Loreto. Comunidade de vida no espírito santo: juventude e religião. **Tempo Social. Revista de sociologia da usp**, v. 17, n.2, p. 253-273, nov. 2005.

MARTINS, Heloísa Helena Souza. A juventude no contexto da reestruturação produtiva. In: ABRAMO, Helena Wendel; FREITAS, Virgínia; SPÓSITO, Marília (org). **Juventude em debate**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

PAIVA, Marcelo Rubens. Juventude e Mobilização. In: ABRAMO, Helena Wendel; FREITAS, Virgínia; SPÓSITO, Marília (org). **Juventude em debate**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SALES, Celeciana de Maria Veras. Os jovens como experimentadores e produtores de devires. In: DAMASCENO, Maria Nobre; MATOS, Kelma Socorro Lopes de; VASCONCELOS, José Gerardo (Org). **Trajetórias da juventude**. Fortaleza: LCR, 2001.

ZUCULUTO, Valci Regina Mousquer. **Debatendo com Brecht e sua Teoria do Rádio (1927-1932) um diálogo sempre atual sobre o papel social e as potencialidades da radiodifusão**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, XXVIII, 2005, Rio de Janeiro.